



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA SURDOS NO MUNICÍPIO DE PALMAS/PR: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES

Adriana Boese Pedroso¹
Verginia Mello Perin Andriola^{2*}

Eixo Temático: Educação e diferenças

Resumo expandido:

A linguagem de sinais se utiliza de meio visual e espacial para a comunicação e, tal como a língua verbal oral, vem sendo um eficiente meio de comunicação, usualmente utilizado para estabelecer relações com/entre indivíduos surdos. A língua de sinais é uma língua viso-gestual, necessitando da espacialidade para ser produzida e percebida. No Brasil ela é chamada de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Levando em conta que o aluno surdo cria sua identidade a partir do convívio com seus grupos sociais, normalmente seus familiares e amigos, Finau (2004), enfatiza que quanto mais cedo o aluno surdo entra em contato com esta comunidade, antes ele será capaz de construir e afirmar sua identidade própria. Sendo assim, pensando na escola como um dos grupos sociais que o aluno tem contato, é imprescindível promover a sua integração nesse meio. Em relação ao ensino de aprendizado de Ciências para aluno surdos, a habilidade de reconhecer símbolos e códigos, contribui para o letramento científico e desempenha ainda uma função social, que permite ao aluno compreender textos e expressar suas opiniões sobre certos conhecimentos. No entanto, não existem sinais para termos específicos para esta área, o que pode vir a prejudicar a construção de conceitos e a compreensão de produções que utilizem a linguagem científica. Diante disso, o intérprete tem tido uma importância valiosa nas interações entre surdos e ouvintes. Segundo Quadros (2004), interpretar envolve um ato

1 . Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. Curso de Ciências Biológicas. drikaboese@hotmail.com

2 . Mestre em Educação. Instituto Federal do Paraná – IFPR – Campus Palmas. verginia.andriola@ifpr.edu.br



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

cognitivo-linguístico, ou seja, processo pelo qual o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas que utilizam línguas diferentes. Este estudo encontra sua justificativa no exposto acima e, no fato de que é necessário evidenciar as reais dificuldades encontradas pelos educadores e intérpretes, a fim de alcançar uma melhor interação e convivência no meio escolar, promovendo assim, uma real inclusão e objetivou, analisar como se dá o processo de ensino de Ciências para alunos surdos em uma escola regular no município de Palmas/PR. Para sua realização foi realizada uma pesquisa de campo de cunho qualitativo sendo sujeitos da pesquisa uma professora de Ciências e dois intérpretes de LIBRAS que atuam na referida escola. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação direta das aulas de Ciências nas turmas onde os sujeitos da pesquisa atuam (8º e 9º anos com alunos surdos e ouvintes) e um questionário com perguntas abertas e fechadas. Inicialmente, foram realizadas observações em sala de aula a fim de perceber a realidade de como vem acontecendo o ensino de Ciências aos alunos surdos. Nestas observações pode-se constatar que os alunos desenvolvem grande proximidade com os intérpretes. Quanto ao conteúdo, na medida em que o professor ministra a aula o intérprete traduz para o aluno através da linguagem de sinais. No entanto, muitos dos termos utilizados pelo professor não possuem um código específico em LIBRAS e demandam empenho maior do intérprete, o qual utiliza-se de imagens ilustrativas a fim de esclarecer as dúvidas. Percebeu-se que, enquanto os alunos ouvintes se dispersam com facilidade, os alunos surdos ficam concentrados e se empenham em aprender. No entanto observou-se que a aprendizagem dos surdos é mais lenta e eles encontram dificuldades de aprendizagem. A docente informou que em suas aulas conta com a presença de um intérprete de LIBRAS para auxiliar na sua comunicação com os alunos. Ao ser perguntada se o conhecimento do intérprete em relação aos conteúdos ensinados nas aulas interfere na tradução, a professora afirmou que, caso o intérprete conheça o assunto abordado, o ensino se torna mais fácil e eficiente. Sobre como acontece a comunicação entre a professora e os alunos com surdez, esta respondeu que normalmente é por intermédio do intérprete e que, quando este não está, escreve no quadro ou ainda, conta com a ajuda dos demais alunos, pois não tem conhecimento para interagir com eles



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

de forma eficiente. Em relação à utilização de algum método educacional ou recursos didáticos específicos para os alunos surdos, a professora relatou que não faz uso de nenhum. Sobre a existência de um conteúdo mais difícil de ser ensinado devido à falta de sinais, a professora disse que não encontra dificuldades, embora existam termos utilizados nas aulas de Ciências que ainda não possuem sua tradução para LIBRAS. Quanto à realização de experimentos, a professora informou que não os utiliza. Em relação à participação dos alunos ouvintes e surdos nas aulas, a professora respondeu que os alunos surdos são expectadores e os demais raramente fazem perguntas, são ausentes e pouco interessados. Ao responder se há diferenças entre o desempenho dos alunos surdos e ouvintes em sala, a professora informou que os ouvintes são mais dispersos que os surdos. Referente ao processo avaliativo dos alunos, a entrevista revelou que as avaliações são iguais para todos e que o aluno surdo conta somente com o auxílio do intérprete. Quanto às dificuldades encontradas, a professora respondeu que o maior problema está na necessidade do estímulo visual, pois além do trabalho realizado pelo intérprete, faz-se necessário demonstrar o que se explica. Ao serem questionados sobre sua presença em sala de aula, os dois intérpretes entrevistados (I1) e (I2) responderam que estão presentes em todos os momentos das aulas. Os depoimentos revelam o comprometimento dos intérpretes com sua tarefa. Ficou clara a importância do seu papel como facilitadores do aprendizado dos alunos, compreendendo que o acompanhamento e a interpretação devem ocorrer em tempo irrestrito. Quanto aos recursos utilizados em sala, foi citado pelo I1 que a professora faz uso somente do livro didático, quadro e giz, fazendo escrita no quadro apenas quando solicitado pelo intérprete. O I2 informou que os surdos têm os mesmos recursos dos ouvintes. Em ambos os depoimentos se percebe a deficiência de recursos didáticos utilizados pelo professor. Mas no caso do I1 o problema é maior, pois este relata que somente é utilizada a escrita no quadro quando é solicitado pelo mesmo. No que se refere a materiais didáticos específicos ou adaptados para os alunos surdos, foi possível perceber deficiência na metodologia usada pelo professor e a falta de materiais apropriados. Quanto à participação das crianças ouvintes e surdas o I1 relatou que esta é sempre mediada por ele sendo que, os surdos demonstram interesse e os ouvintes auxiliam com paciência



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

sempre. Já o I2 informou que tanto os ouvintes quanto os surdos realizam os mesmos trabalhos. Ao serem questionados sobre sua percepção nas diferenças de desempenho entre os alunos surdos e ouvintes, o I1 respondeu que nos momentos em que há uso de material adaptado, tanto os alunos surdos quanto os ouvintes têm desempenho melhor, mas quando não há adaptação, sendo utilizado somente o auxílio do intérprete, o desempenho varia conforme o conteúdo e a decodificação do aluno. Já o I2 informou que os surdos são mais dedicados, provavelmente por não ouvirem a movimentação na sala. A partir da pesquisa realizada foi possível que no que se refere ao ensino de Ciências, analisou-se que o processo de ensino e aprendizagem se dá de forma simples, com nenhum recurso ou com materiais didáticos simples como o uso de data show, vídeos com legenda e abordagens dos conteúdos científicos voltados ou exemplificados com o cotidiano e o meio em que o estudante surdo vive e se expressa, o que obviamente, agrega conhecimento. Contudo, há em Ciências terminologias que não fazem parte do vocabulário diário dos estudantes e que não possuem codificação específica. Fica assim, evidente a necessidade de aprimoramento dos dicionários com a criação de termos específicos da área, que facilitem o aprendizado e a inclusão dos alunos surdos. Observou-se ainda, que é o intérprete que mais frequentemente percebe as maiores dificuldades e tenta encontrar métodos para facilitar o aprendizado dos alunos. Com isso, mostra-se necessário o envolvimento deste profissional com as questões didático-pedagógicas da escola, a fim de serem criadas possibilidades que facilitem a educação e inclusão de alunos com surdez.

Palavras-chave: Dificuldades. Ensino. Inclusão. LIBRAS.

Referências

FINAU, Rosana Aparecida. **Os sinais de tempo e aspectos na LIBRAS**. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Brasileira**. Brasília: SEESP, 2004.



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

WOLKMER, Antonio Carlos. Pluralismo jurídico, direitos humanos e interculturalidade. **Revista Sequência**, n. 53, p. 113-128, dez. 2006.